

# Stuart Hall e os estudos da comunicação no Brasil

## *Stuart Hall and communication studies in Brazil*

LIV SOVIK \*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

FERNANDA MARTINELLI \*\*

Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília – DF, Brasil

LIZIANE GUAZINA \*\*\*

Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília – DF, Brasil

QUANDO STUART HALL morreu, em 10 de fevereiro de 2014, o projeto de publicar o conjunto de textos que segue já estava sendo pensado. Diante das manifestações de tristeza e pesar em numerosos órgãos de imprensa, listas de discussão e eventos acadêmicos, a motivação se firmou. Mesmo assim, este não é um *festschrift* pacífico, um ato de contrição filial simples, pois se há jornalistas – talvez leitores de *A identidade cultural na pós-modernidade* (2003) durante seus anos de formação universitária – que se interessaram por sua vida no momento de sua morte, também é verdade que suas posturas e ideias não são sem controvérsia na área em que começou seu trabalho em Estudos Culturais Contemporâneos: na encruzilhada da mídia, da política e da cultura na qual também se encontra a área de Comunicação, no Brasil. Assim, não é somente para colocar em evidência e avaliar o impacto de seu pensamento que se publica este conjunto de textos, mas para entrar mais uma vez no debate em torno de comunicação, cultura e política. Debate em que a ênfase tem sido, sob pressões institucionais para a delimitação de área, sobre o primeiro termo. A questão de pesquisas serem (ou não) “de comunicação” se alastra há vinte anos, consolidando o campo, mas também criando purismos disciplinares e resistências à sua multi e transdisciplinaridade constitutiva. É nessa frente de discussão no qual se insere este conjunto de textos, originalmente pensado como livro e, com o generoso convite da revista **MATRIZES**, transformado em recursos disponíveis on-line para o debate. Nesse conjunto foi incluída uma conferência de

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10.i3p.15-29>

\* Professora associada da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Organizou *Da diáspora*, de Stuart Hall (Editora UFMG, 2003), e é autora de *Aqui ninguém é branco* (Aeroplano, 2009). Pesquisa sobre temas de comunicação, cultura e poder, a partir de questões de nacionalidade, gênero e raça. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3869-7766>  
E-mail: [lsovik@gmail.com](mailto:lsovik@gmail.com)

\*\* Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), membro do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Política (CNPq) e da Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos. Realiza pesquisas nas áreas de comunicação, cultura e consumo. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0196-048X>  
E-mail: [nandamartineli@yahoo.com.br](mailto:nandamartineli@yahoo.com.br)

\*\*\* Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da UnB, líder do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política e do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Política (CNPq). Realiza pesquisas nas áreas de mídia e política, jornalismo político, telenovelas e política. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4765-6918>  
E-mail: [liziane.g@gmail.com](mailto:liziane.g@gmail.com)

Hall, proferida no Congresso da International Communications Association (ICA) em 1980, pois apesar do título, “A ideologia e a teoria da comunicação”, e do adversário implícito, o behaviorismo, um tanto *passés*, o texto diz respeito a alguns temas que ainda são discutidos na área. Venício Lima mostra como Hall lida, nesse texto, com diversas questões disciplinares que ainda estão vivas entre nós, como a busca da “comunicação como tal” (Hall apud Lima, 2015: 121) e a comunicação como constitutiva de social (Ibid.: 122).

Uma segunda conferência de Stuart Hall, “Diásporas ou a lógica da tradução cultural”, está incluída aqui, neste volume. Depois de muita insistência, Hall aceitou o convite para fazer a abertura do VII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado em Salvador em julho de 2000, com o tema “Terras & Gentes”. O tema dizia respeito às preocupações de Hall na época, sobre identidade cultural e diferença, e o convite enfatizava a maneira como a cultura afro-brasileira predominava, na cidade de Salvador, inclusive como moeda política, usada para criar coesão social sem perturbar a dominação branca. Esperava-se que, no momento em que a sociedade brasileira discutia “raça” e racismo, a presença e as ideias de Stuart Hall pudessem impulsionar o debate acadêmico em torno dessas questões e, ainda, ter um impacto sobre o senso comum local a respeito do protagonismo intelectual negro. Entre outros convidados do congresso estavam Gayatri Spivak, Paul Gilroy, Robert Young e Catherine Hall. Estamos gratas à professora Catherine Hall pela permissão para publicar a palestra, até hoje inédita inclusive em inglês, e, também, às professoras Evelina Hoisel e Eneida Leal Cunha, presidenta e vice-presidenta da ABRALIC na época, pela fraternidade interdisciplinar em ver a palestra publicada em revista de Comunicação.

Stuart Hall não carece de mais uma apresentação biográfica. As linhas gerais de sua vida de migrante do Caribe para a Inglaterra no início dos anos 1950, como bolsista em Oxford, sua atuação na nova esquerda pós-estalinista desse país e na revista teórica *New Left Review*, seu papel na fundação do campo de pesquisa e reflexão denominado *Estudos Culturais* por causa do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da University of Birmingham que ele dirigiu entre 1968 e 1979, a transferência para a Open University, de onde estimulou a difusão dos Estudos Culturais além de Birmingham e Londres, inclusive para os Estados Unidos, a mudança do foco de sua atenção, ao aposentar-se em 1997, às artes (como presidente dos conselhos do Institute for International Visual Arts e de Autograph – Association of Black Photographers) e à crítica do neoliberalismo (produzindo, com o sociólogo Mike Rustin, a geógrafa Doreen Massey e alguns outros, o *Kilburn Manifesto*) – isso

tudo é conhecido ou facilmente acessível. O que é menos corrente é a história da presença de Hall no Brasil, mais especificamente na área de Comunicação.

Os primeiros textos de Hall traduzidos ao português brasileiro, um de autoria individual e outro, coletiva, foram publicados em 1980 pela editora Zahar, em *Da ideologia*, uma coletânea produzida pelo Centro de Estudos Culturais de Birmingham e cuja introdução afirmou que “foi concebida como contribuição à discussão sobre a natureza e teoria da ‘ideologia’, principalmente dentro da tradição marxista” (Centre, 2007: 5). Apesar de o livro ter tido pouca repercussão (Lima, 2015: 103), foi por meio dele que Hall entrou no Brasil como pensador marxista no início da abertura democrática. Durante os anos 1970 e início dos anos 1980, apesar dos informantes policiais na sala de aula, da censura à imprensa até 1978 e aos livros até alguns anos mais tarde, assim como diversos tipos de autocensura durante todo o período da ditadura (Süssekind, 1985: 20-24), o debate intelectual era vivo. Uma questão central, para essa intelectualidade, era como entender o golpe de 1964 e a derrota da resistência a ele, com grande sofrimento. O que tinha dado errado? O que tinha que ser repensado?

Um sinal da importância da teoria contemporânea para esse debate é que Michel Foucault visitou o Brasil para ministrar palestras na PUC-Rio entre 21 e 25 de maio de 1973, época de forte repressão política. Suas conferências, intituladas *A verdade e as formas jurídicas* (2003), foram publicadas nos *Cadernos da PUC-Rio* no ano seguinte, embora na França somente tenham saído nos *Dits et écrits* póstumos, de 1994. Nestas, Foucault se dirigiu diretamente ao dilema do intelectual de esquerda, com relação à objetividade aparente do marxismo. Suas certezas tinham guiado boa parte da oposição ao regime, mas eram inadequadas para explicar seus fracassos. Foucault abriu suas conferências com a seguinte crítica:

A questão é a seguinte: existe uma tendência que poderíamos chamar, um tanto ironicamente, de marxismo acadêmico, que consiste em procurar de que maneira as condições econômicas de existência podem encontrar na consciência dos homens o seu reflexo e expressão. Parece-me que essa forma de análise, tradicional no marxismo universitário da França e da Europa, apresenta um defeito muito grave: o de supor, no fundo, que o sujeito humano, o sujeito do conhecimento, as próprias formas do conhecimento são de certo modo dados prévia e definitivamente, e que as condições econômicas, sociais e políticas da existência não fazem mais do que depositar-se ou imprimir-se neste sujeito definitivamente dado. (Foucault, 2003: 7-8)

O objetivo de Foucault era se posicionar frente à “concepção filosoficamente tradicional” do sujeito, do marxismo acadêmico (Ibid.: 10).

Assim, quando o primeiro trabalho de Hall aportou no Brasil, encontrou um debate com pelo menos estes dois lados, que se desenvolveriam depois: intelectuais acadêmicos que trilhavam um caminho pós-estruturalista e os que permaneceram marxistas, muitos dos quais se interessaram por Gramsci. Hall era lido, então, pelo lado pós-estruturalista e pós-moderno, como autor útil para os marxistas evitarem enfrentar sua inevitável derrota não só pelo regime militar, mas também pelas distrações da cultura do consumo. A *luta* de Hall com o marxismo foi/é lida como afiliação e para alguns seria um *pensador marxista*, isto é, um teórico marxista, enquanto para outros seria um teórico em certos aspectos anacrônico porque, por exemplo, considerava ideologia um termo ainda útil para descrever a cultura “atrelada a posições particulares de poder” (Hall, no prelo), ou porque recuperava Althusser para discuti-la (Hall, 2006: 160-198). Considera-se, às vezes, que Hall é um tanto simplista, ignorava os avanços teóricos pós-marxistas, talvez até o próprio pós-estruturalismo foucaultiano, e, além disso, deixava de observar as superfícies deslizantes da vida social contemporânea, tão acuradamente apreendidas por Jean Baudrillard (Marcondes Filho, 2008: 32). Se, para alguns, Hall poderia representar um olhar menos complexo, ou até certa antimodernidade, para outros era um autor que abria caminhos na busca de aliar reflexão à política, rompendo barreiras entre o pensamento intelectual e o do “ativismo” político, sem confundir “a compreensão da política do trabalho intelectual e a substituição da política pelo trabalho intelectual” (Hall, 2006: 204). O pensamento de Hall chega como um visitante na casa de estranhos: irrompendo em um debate que já existia. Seria ele de fato *simplista*, ou carregaria outros parâmetros – mal compreendidos ou considerados insuficientes pelos locais – para se pensar a realidade brasileira? Apostamos nesse segundo entendimento, mas por motivos diferentes das críticas citadas até aqui, focadas na teoria contemporânea e no marxismo, como ficará claro mais adiante.

Para Lima (2015: 104), a primeira tradução de um trabalho de Hall que teve impacto foi em 1993, mais especificamente o capítulo de *Policing the Crisis* (Hall et al., 1978) sobre “a produção social da notícia”, em uma coletânea sobre jornalismo organizada por Nelson Traquina (1993) para uma editora portuguesa. No início dos anos 1990 também começaram a circular traduções em espanhol, feitas na Argentina, nas quais se destaca “Codificação/decodificação”, seminal para os estudos de recepção, mas esse texto já era conhecido na versão original no Brasil bem antes dessa tradução. Já os textos “Identidade cultural e diáspora”, “A centralidade da cultura”, “Quem precisa da identida-

de?” e “The question of cultural identity”, que se transformaram em *A identidade cultural na pós-modernidade*, saíram entre 1996 e 1997. Este último foi sucesso editorial de enormes proporções, com 40 mil exemplares vendidos, segundo a estimativa de sua atual editora, a Lamparina, em 2014.

Outra publicação importante para a pesquisa em Comunicação no Brasil foi *Resistance Through Rituals* (1976), que até o momento não foi traduzido, mas, mesmo assim, marcou os estudos de subculturas juvenis. A leitura de Hall através da teoria da recepção se consolidou por meio da associação dos *Estudos Culturais britânicos* com os *latino-americanos* a partir do trabalho de Jesús Martín-Barbero e de Néstor García Canclini. Se, na década de 1990, os textos mais conhecidos de Hall no campo da Comunicação no Brasil ainda se concentravam sobre as questões que envolviam recepção, ao longo do tempo, e especialmente após a publicação de *A identidade cultural na pós-modernidade*, a proposta de Hall de se pensar o conceito de “identidade” a partir de situações – isto é, de múltiplas possibilidades e/ou funções que os indivíduos assumem de forma provisória – teve impacto em diferentes análises. Em 2003 saiu, pela editora UFMG, a coletânea *Da diáspora*, de Stuart Hall, que incluía alguns textos consagrados e outros relativamente novos, em igual proporção; vários sobre mídia e ideologia, outros sobre cultura e política. No entanto, apesar do título do livro e de a entrevista biográfica publicada como último capítulo intitular-se “A formação de um intelectual diaspórico”; apesar de a coletânea passar a ser muito lida em outras áreas disciplinares como Letras, História, Antropologia e Sociologia, especialmente *por causa* do que Hall tinha a dizer sobre sociedades nas quais a diáspora africana está presente, na área de Comunicação essa dimensão do trabalho de Hall ainda é pouco analisada ou comentada. Isso deve ter muitos motivos. Um deles talvez seja que na área da Comunicação parece necessário escolher entre o Hall diaspórico ou o Hall que pensa a respeito dos meios de comunicação. Este parece ser o argumento de Venício Lima, pioneiro dos Estudos Culturais no Brasil, que lamenta que as questões de raça tenham prioridade em *Da diáspora*, à custa dos estudos de mídia (Lima, 2015: 105) e diz que a “Apresentação” de *Da diáspora* “omite-se em relação à eventual contribuição que a leitura de Stuart Hall poderia oferecer especificamente para o debate público deles [os fatos da eleição de Lula e a esperança dos movimentos sociais comprometidos com a democratização da mídia] e para os estudos da mídia” (Ibid.: 106). Para Lima, *Policing the Crisis* (1978) é do período esquecido em que Hall fazia estudos de mídia, antes de começar a trabalhar com questões de etnicidade e multiculturalismo. Para nós, o fato dessa escolha se organizar de modo binário revela uma incompreensão comum na área, que o Hall teórico da diáspora sai de

cena quando se opta pelo Hall teórico da mídia, e isso se comprova com um olhar mais atento para esse livro.

*Policing the Crisis* abre com considerações sobre o crime de assalto e a forma em que foi noticiado na imprensa, para contextualizar um incidente que desencadeou um pânico moral na Grã-Bretanha, em 1972 – e foi o ponto de partida de uma pesquisa de três anos que resultou na publicação. Os autores afirmam que a novidade era o uso do termo “*mugging*” para caracterizar o assalto, e que “rótulos são importantes, sobretudo quando aplicados a acontecimentos públicos dramáticos”<sup>1</sup> (Hall et al., 1978: 19). O termo, importado dos Estados Unidos, trouxe consigo conotações de um conjunto de temas sociais da terra de origem. “Esses temas incluíam: o envolvimento de negros e viciados no crime; a expansão dos guetos negros, ao par do crescimento da militância social e política negra; a ameaça de crise e colapso das cidades [...]”<sup>2</sup> (Ibid.: 19-20). A lista de temas é vasta e variada e não se reduz a “problemas negros”, mas eles encabeçam a lista. Este livro é o mesmo *Policing the Crisis* que Angela Davis, que dispensa epítetos, afirma ter sido uma profunda influência sobre seu pensamento (Davis, 2014) mas a intenção aqui não é assumir *Policing the Crisis* como um livro sobre raça. O próprio Hall e seus coautores, pós-graduandos brancos, entendiam que a questão de “raça e crime” não era somente uma “questão negra”, mas um “prisma para uma crise social muito maior”, vista em perspectiva histórica (Drew, 1999: 234-235).

A questão, aqui, é que Stuart Hall, o pensador negro da diáspora, não é distinguível de Stuart Hall, o pensador da Comunicação. O mesmo homem que conta que já foi chamado “‘pessoa de cor’, ‘*West Indian*’ [...], ‘preto’ [*negro*], ‘negro’ [*black*] ou ‘imigrante’” (Hall, 2006: 176), o faz para explicar “Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas” (2006). Ele também se preocupou, desde cedo, com a perpetuação involuntária de hierarquias sociais por operadores da mídia, como em “Codificação/decodificação”. Hall falava sobre ser “deslocado” por suas origens em uma colônia britânica, sobre a “pigmentocracia” jamaicana na qual foi criado, sobre nunca se sentir inteiramente em casa e de como isso marcou sua forma de pensar, na entrevista biográfica citada (2006: 385-410). Esse Hall que estudou a mídia é o mesmo que nos ajuda a entender a comunicação social e a cultura em contextos complexos, nos quais o racismo estrutura o exercício do poder nos meios de comunicação e fora deles, como também o fazem classe social e gênero. Hall não parece ter acreditado que raça seria para sempre o melhor prisma para entender crises sociais maiores (Hall; Back, 2009: 685), embora para o tempo e lugar que analisava, era esse o melhor caminho. E no nosso tempo e lugar? Leitores de Hall na

1. No original: “Labels are important, especially when applied to dramatic public events”. Esta e demais traduções são das autoras.

2. No original: “These themes included: the involvement of blacks and drug addicts in crime; the expansion of the black ghettos, coupled with the growth of black social and political militancy; the threatened crisis and collapse of the cities [...]”.

nossa área que, evitando escolher somente o *Hall da mídia*, e reconhecendo mais definitivamente o *Hall negro* (que é também o *Hall feminista*, o *Hall das artes* e o *Hall marxista*), talvez aproveitassem melhor a complexidade e a concretude de suas perspectivas críticas e políticas. O mal-entendido sobre quem é Hall, marxista ou não, simplista ou não, é menos importante hoje, a nosso ver, do que um olhar que inclua a consideração de questões raciais como parte da conjuntura que pesquisamos, inclusive onde elas não são o prisma principal de uma pesquisa.

Ao lado da circulação dessa produção intelectual, as experiências de consolidação institucional dos Estudos Culturais na área de Comunicação no Brasil também merecem ser lembradas. Na Universidade de Brasília (UnB), houve diferentes tentativas de tornar a influência dos Estudos Culturais mais permanente. Na década de 1980, uma linha de pesquisa em Comunicação e Estudos Culturais chegou a funcionar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB, e uma disciplina com o mesmo nome fez parte do elenco de disciplinas ofertadas. Também houve uma tentativa de articulação de um doutorado multidisciplinar em Estudos Culturais Contemporâneos entre os anos 1989-1990 (Lima, 2014). Nos anos 2000, houve projetos de criar cursos de graduação e pós-graduação em Estudos Culturais e até de um Instituto Interdisciplinar de Estudos da Cultura, e disciplinas de diferentes cursos apresentaram textos de Hall em suas bibliografias. Mas somente em 2014 foi oferecida, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB, uma disciplina por duas das organizadoras desta edição com objetivo específico de discutir a influência do pensamento de Stuart Hall na Comunicação.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, os Estudos Culturais foram introduzidos por Heloisa Buarque de Hollanda, professora da Escola de Comunicação. Conheceu os Estudos Culturais ingleses indiretamente, quando fazia pós-doutorado nos Estados Unidos em meados dos anos 1980. Não há menção, nas suas memórias intelectuais, de Stuart Hall, mas na volta dos Estados Unidos, em 1986, em colaboração com Carlos Alberto Messeder Pereira, criou o CIEC (Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais), hoje “Contemporâneos”, que “de alguma forma, dava continuidade a meus estudos sobre os movimentos culturais de resistência ao regime militar pós-1964” (Hollanda, 2009: 76).

Como meta, procurava entender os estudos culturais não como uma questão disciplinar, mas como um novo campo de relações para a atividade intelectual. Ensaíava um projeto de política acadêmica, de política *dentro* da universidade. O formato aberto do seminário CIEC, disciplina oferecida no programa de pós-

-graduação da Escola de Comunicação, o projeto de formação de quadros de pesquisadores negros, de inserção crítica nos debates feministas, de intervenção através de um programa intensivo de seminários e publicações, foram pensados neste sentido. (Ibid.: 79-80)

Heloisa optou, assim, pela “refuncionalização’ da pesquisa e da produção de conhecimento, na universidade” (Ibid.: 76), no momento da passagem do regime militar. O CIEC teve como público-alvo o programa de pós-graduação, estudantes negros, o debate feminista, e como método, seminários e publicações. De certa maneira, os estudos culturais dos primórdios do CIEC, ainda hoje um grupo de pesquisa da ECO, ecoam o projeto de Hall na Open University, com seu foco em alunos maduros e universitários de primeira geração e em discussões das correntes que movimentavam a sociedade britânica, tornando-a mais diversa, através da produção de cursos e manuais de textos.

Heloisa Buarque de Hollanda ainda fundou, com o crítico e escritor Silviano Santiago e Marisa Cassim, especialista em informação e gestão, o Programa Avançado em Cultura Contemporânea, também focado na “democracia como campo de conhecimento” (Ibid.: 106) e pensado como programa de pós-graduação que aglomeraria docentes de diversas universidades e escaparia aos entraves burocráticos. Não conseguiu o reconhecimento necessário e passou a ser um programa transdisciplinar de pós-doutorado, mais afastado da área e dos pesquisadores em Comunicação.

Construções mais recentes incluem o Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense, que embora retenha esse nome oficial desde sua fundação em 2003, tem agora uma “razão social” diferente, que omite os Estudos Culturais, evidência, talvez, da mesma discussão à qual este número da revista **MATRIZES** se dirige. Em meados dos anos 2000, o Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, outra possível tradução dos Estudos Culturais, foi fundado por professores de Comunicação e outras disciplinas, na Universidade Federal da Bahia. E na PUC-RS, existe uma pesquisa e um site, “Cartografias”, sobre estudos culturais no campo da comunicação, iniciativa de um grupo liderado por Ana Carolina Escosteguy, professora do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da mesma universidade. Vale notar, em todos esses anos em que houve ligações fortes ou relações tangenciais entre pesquisadores em Comunicação e os Estudos Culturais, que alguns desses pesquisadores dialogaram com e frequentaram congressos de outras disciplinas, como Educação, Letras (a Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC – foi particularmente ligada ao tema) e Antropologia, justamen-

te em busca de novas compreensões sobre cultura, muitas vezes marcadas pelos Estudos Culturais e pelo pensamento de Hall.

Esta edição de **MATRIZES** apresenta um panorama sobre o impacto do pensamento de Stuart Hall no Brasil nos últimos anos, mais especificamente nas pesquisas sobre Comunicação. É o resultado de um esforço coletivo, realizado por professoras de diferentes universidades brasileiras, para a edição deste volume, e autoras e autores de outras tantas instituições, pesquisadores reconhecidos de diferentes universidades que mapearam as influências teóricas de Hall em múltiplas áreas de pesquisa do campo da Comunicação. Quando nos propomos a realizar a tarefa, nossa ideia era identificar *se e como* temas importantes desenvolvidos por Stuart Hall, tais como identidade, representação, ideologia, racismo, estavam presentes teoricamente no pensamento contemporâneo comunicacional. Buscamos então compreender e problematizar as contribuições de Hall no contexto brasileiro, estabelecendo conexões entre Hall e outros autores nacionais e latino-americanos.

Apesar de inúmeros estudiosos desenvolverem projetos de pesquisa, escreverem livros ou tomarem iniciativa para consolidar as perspectivas propostas por Hall nos estudos de Comunicação no Brasil, é possível afirmar que Hall é um autor conhecido, mas não é um autor dominante no campo comunicacional. Em uma consulta parametrizada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq realizada em novembro de 2016, obtivemos 334 grupos relacionados aos Estudos Culturais. Em relação às linhas de pesquisa cadastradas no diretório, identificamos 148 linhas em diferentes grupos, em áreas como Educação, Letras e Comunicação, mas também curiosamente em outras áreas fora das Ciências Sociais Aplicadas, como Agronomia, Educação Física e Nutrição.

Se, por um lado, sua influência se espalha por múltiplos caminhos de pesquisa, por outro, não se estabeleceu de forma consolidada em nenhuma área específica na Comunicação. Essa afirmação se baseia em, pelo menos, dois aspectos: o primeiro é que o próprio Hall era um crítico da busca epistemológica desenfreada pelo estabelecimento de um campo da comunicação *puro* ou descolado do conhecimento sociológico, das lutas pelo poder, das questões ideológicas e de subalternidade/alteridade. Isso tem influenciado sua aceitação uma vez que a tendência nos estudos de Comunicação no Brasil nos últimos anos tem sido a especialização – isto é, a busca, muitas vezes acrítica, por uma essencialidade definidora do campo. O segundo aspecto é, justamente, decorrente do primeiro. A influência em múltiplas abordagens é coerente com a proposta teórica de Hall. Sua proposta de deslocamento de olhares e as implicações políticas de suas ideias levam a

novas configurações teóricas, particularmente ligadas às transformações sociais e simbólicas.

A partir das contribuições dos autores desta edição, pudemos identificar as influências e relações intelectuais do autor com os estudos sobre cinema, com o feminismo, com cultura e identidade nacional, com a comunicação comunitária, com política e cidadania, com os estudos sobre as relações entre religião e mídia, estudos culturais e economia política da comunicação, com os estudos de recepção e, por fim, com os estudos sobre diáspora, migração e mobilização social. Em todos esses eixos observamos como a discussão entre identidade e forças produtivas da cultura iniciada por Hall ilumina o momento atual de profundas transformações sociais e políticas em nosso país, evidenciando um novo arranjo nos estudos de Comunicação e na produção intelectual que expande e complexifica esse campo.

Em “Stuart Hall, os estudos fílmicos e o cinema”, Angela Prysthon discute como Hall fornece subsídios para pensar o cinema, ainda que não tenha se dedicado especificamente à formulação de um corpo teórico e analítico voltado para essa área. Prysthon elige três eixos para pensar essa relação, sendo que o primeiro se debruça a refletir sobre os modos de apropriação que os estudos fílmicos fazem dos conceitos de alteridade e identidade em Hall; o segundo se dedica a discutir o impacto do pensamento de Hall no cinema dos anos 1980, em especial nos filmes com enfoque em questões étnicas e multiculturais; e o terceiro eixo, apresentado como “epílogo” pela autora, aborda a ligação mais direta de Hall com o cinema, lembrando sua relação com o BFI (o British Film Institute), os vínculos com o cinema negro britânico e a produção do longa-metragem *The Stuart Hall Project* (2013), de John Akomfrah, que retrata Hall desde sua produção intelectual, mas também através da sua relação com a música, as recordações de família e uma série de depoimentos que atravessam o universo de atuação acadêmica, política e também suas memórias e afetos mais íntimos.

Ana Carolina Escosteguy, por sua vez, nos mostra que as relações entre feminismo e os Estudos Culturais foram de um diálogo tenso desde sua origem. A mudança de agenda proporcionou, inclusive no Brasil – a despeito da falta de registros e narrativas mais detalhadas –, uma nova forma de pensar o próprio feminismo. Escosteguy identifica quatro eixos temporais que delimitam essa relação e sobre os quais elabora sua análise: o primeiro remonta à década de 1970, e trata da interseção entre feminismo e Estudos Culturais; o segundo se concentra na década de 1980, e problematiza a emergência dos vínculos entre Stuart Hall e a teoria feminista; o terceiro se localiza na década de 1990, mais especificamente nas afinidades entre Hall e o feminismo a partir

do entendimento de que existe uma variável relacional que define as identidades e as constitui de forma mais complexa do que a binariedade feminino-masculino é capaz de compreender; e o quarto se localiza na virada de século, marcada pelo contexto dos estudos pós-feministas que procuram estabelecer um consenso em torno de valores conservadores, como os valores familiares tradicionais, organizando aí uma tentativa de *apagamento* do feminismo e das lutas feministas travadas até então.

Em um contexto diverso, mas que partilha a disputa pelo reconhecimento de singularidades, Maria Ataíde Malcher, Agenor Sarraf Pacheco e Fernanda Chocron Miranda nos mostram que o próprio Programa de Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará, nasceu inspirado em perspectiva dos Estudos Culturais e com o objetivo de produzir conhecimentos capazes de desvendar as particularidades dos processos comunicacionais amazônicos em conexão com questões geo-históricas, locais, políticas, econômicas, étnicorraciais e socioculturais constituintes dos modos de vida dos diferentes grupos sociais que habitam territórios rurais e urbanos da região. Assim, dizem os autores, desde sua criação em 2010, uma das posturas epistemológicas que orientou e fundamentou investigações desenvolvidas no âmbito do programa está ancorada em Stuart Hall, em especial na perspectiva acerca da indissociabilidade das práticas comunicacionais como práticas culturais. Nesse trajeto, inúmeras pesquisas foram realizadas no programa a partir da influência teórica de Hall.

Adilson Vaz Cabral Filho e Marco Schneider, por sua vez, evidenciam pontos de contato entre a produção de Stuart Hall e a pesquisa em torno da Comunicação Comunitária no Brasil e na América Latina, bem como sua relação mais específica com os estudos culturais críticos e o diálogo destes com a reflexão teórica latino-americana em torno de conceitos como recepção e mediação. Um ponto importante neste trabalho é que os autores mostram a escassa referência à obra de Hall na pesquisa em torno da Comunicação Comunitária na América Latina, fundamentalmente de enfoque relacionado à Comunicação para o Desenvolvimento e para a Mudança Social, de caráter participativo e engajado. Por outro lado, com esse enfoque, eles buscam compreender um público direta ou indiretamente influenciado por temas, conceitos e autores cuja identificação com a obra de Stuart Hall é fortíssima, tais como Paulo Freire, Armando Mattelart, Antonio Pasquali, Alfonso Gumucio-Dagron, apesar de o autor jamaicano não ter sido referência para esses autores.

A partir da discussão de Hall sobre cultura nacional e da perspectiva de “*revival* nacionalista” para se referir a atualizações totalitárias da

cultura, Eduardo Yuji Yamamoto discute como a identidade brasileira emerge em eventos políticos, sobretudo a partir dos protestos de 2013, mas também em movimentos de reivindicação de cidadania por parte de movimentos sociais. Nesse horizonte, o conceito de *différance*, de Derrida, também utilizado por Hall, é central para refletir sobre a diferença como linguagem e discurso, e como isso se materializa como prática. O autor aponta como movimentos conservadores emergem no Brasil e se apropriam do tema da cidadania construindo um discurso *atualizado* em defesa da democracia desde uma perspectiva muito particular, eventualmente *cool* e *hipster*, que mobiliza um contingente significativo de jovens (ainda que essa *atualização* seja uma capa aparente de inclusão social, uma vez que repercute práticas políticas historicamente segregacionistas). Como contraponto, Yamamoto discute ainda a mobilização em prol de causas minoritárias, em especial aquelas que se organizam, via redes sociais, e repercutem no universo social mais amplo.

Pensar na construção de identidades a partir da midiaticização da religião é o que discute Luís Mauro Sá Martino. Embora as problemáticas do fenômeno religioso não estejam entre seus principais objetos de reflexão, as ideias de Hall relativas aos problemas da cultura, das identidades pós-coloniais e diaspóricas são fundamentais para pensar as multiplicidades do religioso na sociedade contemporânea. De acordo com Martino, os trabalhos de Hall a respeito de identidades, tema recorrente em sua obra, são de fundamental importância para se compreender o fenômeno religioso-midiático contemporâneo em suas inúmeras dinâmicas. Para ele, em uma sociedade multicultural, no qual diversas matrizes religiosas convivem em uma relação complexa que vai do hibridismo sincrético à rejeição mútua, as questões relativas à identidade cultural parecem ganhar especial relevância. O vínculo a uma ou outra religião não é somente uma questão de eleger uma crença, mas também de se ligar a todo um sistema simbólico de representações e práticas culturais, estabelecer fronteiras e diferenças, especialmente em um campo religioso marcado pelo processo contínuo de articulações com a mídia. Martino evidencia, ainda, que se trata de pensar o religioso, a partir de Hall, como um espaço em constante reconfiguração por conta de sua dinâmica de hegemonias e resistências entre matrizes religiosas oriundas do *centro*, com práticas culturais legítimas e atreladas a grupos específicos – no caso brasileiro, o Catolicismo e o Protestantismo – e matrizes ligadas à diáspora africana e ao pensamento indígena, relegadas geralmente a espaços marginais. Nessa tensa relação, Hall oferece trilhas para pensar a articulação de símbolos, códigos e práticas entre matrizes diversas.

Ao propor, a partir de Hall, que a economia e a política não se separam do cultural, Luiz Felipe Ferreira Stevanim apresenta possíveis pontos de contato entre os Estudos Culturais e a economia política da comunicação. O autor situa esse debate “sob rasura”, expressão derridiana frequentemente usada por Hall, para delimitar a importância de superar impasses teóricos em direção a uma perspectiva disposta a somar esforços em prol de agendas comuns. Stevanim discute as relações entre esses dois campos, em especial as particularidades dessa relação no cenário brasileiro, compreendendo o papel político da cultura para o exercício da cidadania e a mudança social.

Em uma pesquisa concebida no sul do país, mas que se expande por todas as regiões brasileiras, Nilda Jacks e Laura Hastenpflug Wottrich nos apresentam o legado de Stuart Hall aos estudos de recepção no Brasil a partir da análise de teses e dissertações desenvolvidas na área da comunicação ao longo da última década. Dentre os 209 trabalhos pesquisados pelas autoras sobre processos e práticas de recepção, 31 lançam mão das reflexões de Hall, que aparece entre os três autores principais, ou seja, em 15% do total. Desses, a predominância é de pesquisas que observam o processo de recepção em suas lógicas sociais e culturais. A contribuição de Hall, de acordo com Jacks e Wottrich, centra-se especialmente em três perspectivas: 1) identidades culturais; 2) representações sociais; e 3) proposta teórico-metodológica com o modelo Codificação/Decodificação. Hall torna-se o principal autor citado nos trabalhos com a temática das identidades, que se valem de suas reflexões sobre identidades culturais e diaspóricas.

Por fim, destacamos duas contribuições relevantes do ponto de vista de panorama das influências de Hall nos estudos sobre migração e mobilização social.

Em “Da diáspora às etnopaisagens: diversidade e pertencimento nas migrações transnacionais”, Sofia Zanforlin propõe um diálogo de Hall com Robin Cohen e Arjun Appadurai, articulando uma discussão epistemológica sobre o conceito de diáspora com uma pesquisa de campo realizada com pessoas migrantes em diferentes cidades brasileiras, como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus, entre 2011 e 2015. Nesse percurso, que é simultaneamente uma investigação do espaço urbano e de trajetórias de vidas, desvelam-se etnopaisagens, como a Praça Kantuta em São Paulo, reduto de populações migrantes latino-americanas; o antigo Corredor da Central no Rio de Janeiro, onde se reúnem grupos de migrantes angolanos e congolezes; além de Manaus com sua população de migrantes haitianos e da região de Samambaia, na periferia de Brasília, onde concentram-se

diversos migrantes ganeses e paquistaneses. Colocando-se ao lado de Hall, Zanforlin pontua que essas diásporas contemporâneas criam fluxos multiculturais de sentidos que se contrapõem à lógica homogeneizante da globalização neoliberal.

Em uma proposta diferente, Juliana César Nunes e Dione Oliveira Moura identificam como o pensamento de Hall, especialmente no que diz respeito à centralidade da cultura e à cultura de uma *África* reimaginada nas Américas, pode ser usada para entender a prática vivida dos processos sociais. Analisam o processo de mobilização da comunidade quilombola Rio dos Macacos a partir de algumas chaves interpretativas de Stuart Hall.

Dessa forma, esta edição reúne pesquisas de diversas partes do Brasil e de diferentes gerações de pesquisadores, e representa o resgate de um pensamento que tem dado frutos em lugares muitas vezes inesperados. Em meio à multiplicidade de temas e perspectivas discutidos pelos autores, os Estudos Culturais emergem no campo da Comunicação como recurso, estratégia, pedagogia e também como resistência. A vinculação, que por muito tempo pareceu natural, entre comunicação e cultura – notadamente expressa em nomes de programas de pós-graduação e/ou suas linhas de pesquisa –, se atualiza e se expande. Se os estudos de recepção têm sido um campo fértil para a influência do pensamento de Hall até o momento, outras perspectivas despontam a seu lado. Como se estabelecerá essa influência nos próximos anos é difícil mensurar. Se o pensamento de Hall, em sua chegada às terras brasileiras, encontrou um ambiente acadêmico e cultural vibrante, apesar da ditadura civil-militar, resta saber como Hall nos ajudará a pensar o país que emerge da experiência de instabilidade política e ruptura democrática no momento pós-impeachment de Dilma Rousseff. Momento em que a conjuntura política é de sucessivas vitórias de forças antidemocráticas, com o estímulo e endosso dos grandes meios de comunicação; em que o Estado policial persiste em certos territórios urbanos majoritariamente habitados por negros, e se estende sobre manifestantes pacíficos em praças públicas; em que as altas taxas de violência contra mulheres e contra quem é visto como desviante da norma de gênero convivem com o ressurgimento do feminismo e a crescente popularidade do discurso patriarcal. São tempos para pensar com Stuart Hall. ■

## REFERÊNCIAS

CENTRE FOR CONTEMPORARY Cultural Studies. *On Ideology*. 3. ed. London: Routledge, 2007.

- DAVIS, A. *Policing the Crisis Today*. Conferência de abertura, Stuart Hall Conference, Goldsmiths College – University of London, 28 de novembro de 2014. Disponível em: <https://vimeo.com/113119921>.
- DREW, J. (1999) “Cultural Composition: Stuart Hall on Ethnicity and the Discursive Turn” (entrevista com Stuart Hall). In OLSON, G. A. e WORSHAM, L. (orgs.). *Race, Rhetoric and the Postcolonial*. Albany, NY: State University of New York Press.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2003.
- HALL, S.; JEFFERSON, T. *Resistance Through Rituals: youth subcultures in post-war Britain*. London: Hutchinson; Centre for Contemporary Cultural Studies, 1976.
- HALL, S. et al. *Policing the Crisis: Mugging, the State and law and order*. Houndmills: Palgrave Macmillan, 1978.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2. rev. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HALL, S. *Diásporas, ou a lógica da tradução cultural*. No prelo.
- HALL, S.; BACK, L. At Home and Not at Home: Stuart Hall in conversation with Les Back. *Cultural Studies*, London, v. 23, n. 4, p. 658-687, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/09502380902950963>
- HOLLANDA, H. B. de. *Escolhas: uma autobiografia intelectual*. Rio de Janeiro: Carpe Diem; Língua Geral, 2009.
- LIMA, V. Stuart Hall e os estudos da mídia. *Carta Maior*, 19 fev. 2014. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Stuart-Hall-e-os-estudos-de-midia/30293>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- LIMA, V. *Cultura do silêncio e democracia no Brasil: ensaios em defesa da liberdade de expressão (1980-2015)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- MARCONDES FILHO, C. Stuart Hall, cultural studies e a nostalgia da dominação hegemônica. *Communicare*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 25-41, 2008.
- SÜSSEKIND, F. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.